O USO DE PSICOTRÓPICOS POR ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

Autor(res)

João Paulo Bastos Silva
Kailane Santiago Ramos
Alanna Nascimento Delgado Mota
Denise Cruz Miranda
Aline Santos Araújo

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE IMPERATRIZ

Introdução

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), transtornos psicológicos como ansiedade e depressão prejudicam a saúde e o desempenho normal do indivíduo. Em 2015, uma estimativa global sugeriu que, cerca de 4,4% da população sofreu de depressão e 3,6% de ansiedade (Bertani et al., 2020; World Health Organization, 2017). A presença desses transtornos é bastante significativa no ensino superior, ultrapassando a média global, com uma prevalência de 23,6% para ansiedade e 18,4% para depressão em estudantes do Ensino Superior (Ramón-Arbués et al., 2020).

Em um cenário de tensão frequente causada por exigências pessoais, falta de descanso, inseguranças em relação ao aprendizado, carga horária prolongada, dificuldades na conciliação da vida pessoal e universitária, ocorre uma alta demanda acadêmica que gera uma grande competitividade, a preocupação constante com o futuro, o que acarreta na falta de tempo para momentos de lazer. Essa situação pode tornar os alunos vulneráveis ao sofrimento psíquico e ao consumo de drogas psicotrópicas (estimulantes (cocaína e anfetaminas);depressoras (álcool, os soníferos; os ansiolíticos, os opiáceos ou narcóticos e os inalantes) ; perturbadoras) como uma válvula de escape. (ARRAES et al., 2022, p. 2)

A utilização de drogas psicotrópicas é uma prática muito antiga. A palavra psicotrópico tem origem do idioma grego, sendo composta pela junção de dois termos que são : psyché que representa “ mente”, e tropos, que representa “atração”.

São chamados de medicamentos psicotrópicos aqueles que atuam dentro do sistema nervoso central (SNC), gerando modificações de comportamento, percepção, pensamento e emoções, e que em algumas situações podem acarretar à dependência por parte do usuário. São receitados a indivíduos que lidam com transtornos emocionais e psíquicos ou aqueles que possuem outros tipos de problemas que afetam o funcionamento mental. O crescente aumento no número de prescrições e o potencial abuso dessas substâncias, geralmente com indicações médicas questionáveis e durante períodos que podem prolongar-se indeterminadamente, além das implicações com os custos envolvidos, representam fatores significativos que influenciam na saúde mental dos indivíduos, em virtude dos riscos que esses medicamentos produzem em curto e longo prazo. (MOURA et al., 2016, p. 137)

Os medicamentos psicotrópicos estão sendo cada vez mais utilizados por estudantes universitários para ajudar no

processo de estudo, para aperfeiçoar a cognição e melhorar a aprendizagem, todavia, a utilização em pessoas saudáveis ainda não é recomendada (MONTEIRO, 2017). Visto que a utilização inadequada tanto de drogas lícitas quanto ilícitas que pode acarretar em dependência, termo que pode ser entendido como uma necessidade de utilização frequente de substâncias que provocam sofrimento e prejuízos à saúde humana.
Apesar dos diversos benefícios dos psicotrópicos para o tratamento de doenças da mente, os medicamentos psicotrópicos não levam a cura do indivíduo, requerendo com que o paciente tenha que fazer a utilização contínua desses fármacos, o que pode causar além do risco de dependência física e psíquica dessas substâncias, pode acarretar também na diminuição da memória , força nos músculos, concentração e bem como trazer a piora de condições como ansiedade e depressão.

Objetivo

O presente trabalho teve como objetivo analisar o uso de medicamentos psicotrópicos entre estudantes do ensino superior, investigando as motivações para seu consumo e as consequências para a saúde mental e física desses indivíduos. Diante de um cenário de crescentes distúrbios psicológicos, como ansiedade e depressão, além das altas exigências dos acadêmicos, pretendeu-se compreender como essas substâncias eram utilizadas como uma válvula de escape e os impactos do seu uso inadequado, que incluem riscos de dependência e agravamento das condições de saúde mental. Também buscou determinar as percepções dos estudantes sobre os efeitos dos medicamentos psicotrópicos em seu desempenho acadêmico e qualidade de vida, contribuindo para uma reflexão crítica sobre a relação entre saúde mental e prática acadêmica.

Material e Métodos

O presente estudo trata-se de uma revisão sistemática de literatura, na qual foi realizado um levantamento das publicações, que abordassem a temática, das bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), com temporalidade de 2018 a 2022. Foi aplicado como parâmetro na busca, publicações com apresentassem como período os últimos 5 anos, com intuito de obter informações mais recentes a respeito da temática abordada. Os estudos foram selecionados de maneira minuciosa a fim de que abordassem de forma genuína o objetivo desta pesquisa.
Para selecionar os artigos foram utilizados como descritores os termos psicotrópicos e estudantes. Os critérios para inclusão foram trabalhos publicados na língua portuguesa e que possuíssem temporalidade de 2018 a 2022. Os critérios para exclusão foram trabalhos que não tivessem associação com a temática de uso de psicotrópicos em estudantes do ensino superior e trabalhos duplicados.
Realizou-se uma análise precisa dos títulos e texto dos trabalhos encontrados. Foi realizada uma análise rigorosa de cada trabalho, com exclusão daqueles que não se enquadram aos critérios escolhidos. Dos artigos identificados nas bases de dados utilizadas (SciELO e BVS), foram selecionados 10 estudos, sendo 7 destas publicações da Biblioteca Virtual de Saúde e 3 publicações do SciELO, para realização desta revisão.

Resultados e Discussão

A busca com os termos (Psicotrópicos and Estudantes) resultou em 242 artigos, e 232 na base de dados BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e 10 artigos foram encontrados na base de dados Scielo. Dos dados encontrados, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 10 artigos. Sendo assim, o número total de artigos incluídos e descritos na presente revisão foi de 10 artigos,
O trabalho incluiu diversos estudos transversais com o objetivo de explorar o uso de substâncias psicoativas e a automedicação entre estudantes de diferentes áreas da saúde no Brasil. Um dos estudos, realizado por Moraes et

al. (2018), com 148 estudantes de medicina no Noroeste do estado do Espírito Santo, focou na incidência de automedicação e suas causas, bem como nos grupos de medicamentos mais utilizados e nas consequências desse uso irracional, em outubro de 2017.
Outro estudo, conduzido por Sousa et al. (2020), avaliou 182 estudantes de enfermagem no Vale do Ribeira - SP, entre agosto e novembro de 2016, abordando o uso de medicamentos psicoativos sem prescrição médica e suas associações com o uso de outras substâncias psicoativas e aspectos de saúde.
Tovani, Santi e Trindade (2021) analisaram 745 estudantes de cursos da área da saúde em Brasília - DF, entre agosto e novembro de 2018, para investigar a prevalência do consumo de psicotrópicos. Em um estudo semelhante, Silva et al. (2021) examinaram 166 estudantes de cursos da saúde no Nordeste do país, entre julho e outubro de 2018, verificando a influência do estresse sobre o uso de substâncias psicoativas.
Meiners et al. (2022) exploraram a percepção e a prevalência do uso de metilfenidato entre 337 estudantes de cursos da saúde em Ceilândia - DF, durante o período de outubro de 2019 a abril de 2020. Além disso, Pucci e Polli (2022) compreenderam aspectos relacionados ao uso de substâncias psicoativas com um grupo de 15 estudantes de diferentes cursos de graduação em Curitiba - PR, de dezembro de 2020 a março de 2021.

Kantorski et al. (2022) descreveram a utilização de psicotrópicos por 464 estudantes de graduação em Pelotas - RS, comparando dados antes e durante a pandemia de COVID-19, entre agosto e setembro de 2020. Batista et al. (2022) focaram no uso de substâncias psicoativas entre 101 estudantes de medicina em Mossoró - RN, de outubro de 2019 a janeiro de 2020.

Por fim, Tavares et al. (2022) avaliaram o uso de psicofármacos entre 408 estudantes de psicologia e enfermagem em Rondonópolis - MT, de agosto de 2019 a novembro de 2020, enquanto Silveira et al. (2022) identificaram a prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em 199 estudantes de enfermagem em Fortaleza - CE, entre junho e setembro de 2019, verificando os fatores associados a essas condições.
A fase acadêmica universitária se constitui como uma etapa importante da vida dos jovens, promovendo a discussão e o conhecimento de incontáveis saberes. Contudo, costuma-se acontecer durante esse período um aumento de situações estressantes e de fatores de riscos para o uso de substâncias psicoativas. Nota-se que o ambiente universitário se mostra como um local vulnerável a vivenciar o uso abusivo de psicotrópicos, eles estão correlacionados como uma maneira de amortizar as preocupações pelas quais esses discentes estejam passando (SOARES; OLIVEIRA, 2013).
Entre os sintomas relatados, tensão frequente causada por exigências pessoais, falta de descanso, inseguranças em relação ao aprendizado, carga horária prolongada, dificuldades na conciliação da vida pessoal e universitária foram os principais motivadores para a realização da automedicação. As principais classes medicamentosas utilizadas foram: tranquilizantes, antidepressivos, ansiolíticos, psicoestimulantes (como Metilfenidato), hipnóticos e alucinógenos.
De acordo com os artigos analisados e estudados desta revisão, foi perceptível que nos estudos realizados com os estudantes, as amostras colhidas foram predominantemente constituídas pelo sexo feminino. No Artigo que discorre sobre a “Avaliação do uso de psicofármacos por Universitários”, a população deste estudo era composta por 71,6% do sexo feminino, com isso a maior prevalência para automedicação que foi encontrado estava presente no sexo feminino (26,1%), enquanto o masculino apresentava (13,4%). Após análise dos dados do artigo “Uso de psicotrópicos por acadêmicos da área da saúde: uma análise comparativa e qualitativa” em que foi realizado um estudo com 745 participantes, houve maior prevalência do sexo feminino 78,04%, nos cursos de Enfermagem, Psicologia, Nutrição, Fisioterapia e Medicina. De acordo com os resultados da pesquisa, foi

observado que as substâncias psicotrópicas mais utilizadas pelos participantes foram: tranquilizantes e ansiolíticos. Além disso, o curso de Psicologia liderou o ranking do uso de drogas em geral quando comparado com outros cursos, seguido pelos cursos de Nutrição e Medicina. Além do mais, percebeu-se o uso de drogas pelos estudantes como uma forma de fuga em relação à ansiedade, e depressão, bem como forma de maximização do prazer. Para os universitários, o uso de psicotrópicos é tido como uma válvula de escape para relações interpessoais, sendo instigado também pela aspiração de aprimorar e melhorar no meio acadêmico.

O uso de psicotrópicos entre estudantes do ensino superior revela um panorama diversificado em termos de substâncias consumidas, perfil demográfico e faixa etária. De acordo com Tovani, Santi e Trindade (2021), 78,04% dos usuários eram mulheres, enquanto 21,96% eram homens, com idades variando de 15 a 70 anos. As substâncias mais frequentemente relatadas incluíram álcool, tabaco, maconha, inalantes e solventes.

Meiners et al. (2022) destacaram que 14,5% dos estudantes relataram o uso de metilfenidato, com uma faixa etária predominante entre 18 e 48 anos. Por outro lado, Pucci e Polli (2022) apontaram que todos os 15 participantes em seu estudo, com idades entre 18 e 28 anos, relataram o uso de álcool, maconha, tabaco, LSD, cocaína e anabolizantes.

Em um estudo de Silva et al. (2021), 65,1% dos estudantes utilizaram tabaco, álcool, maconha, inalantes e hipnóticos, com idades entre 16 e 25 anos. Prado Kantorski et al. (2022) identificaram que 37,3% dos participantes, com uma média de 24 anos, relataram o uso de antidepressivos, ansiolíticos, antiepilépticos, hipnóticos, antipsicóticos e psicoestimulantes.

Batista et al. (2022) revelaram que 80,20% dos 101 estudantes de 19 a 29 anos relataram o consumo de álcool, maconha, tabaco, alucinógenos, opioides, inalantes e cocaína. Tavares et al. (2022) observaram que 22,3% dos participantes, com idades predominantemente entre 18 e 28 anos, usaram antidepressivos, ansiolíticos, anticonvulsivantes, antipsicóticos e hipnóticos.

Finalmente, Silveira et al. (2022) indicaram que 62% dos estudantes, na faixa etária de 20 a 24 anos, consumiram álcool e tabaco, enquanto Sousa et al. (2020) identificaram que 79,2% dos participantes, com idades variando de 17 a 57 anos, relataram o uso de diversas substâncias, incluindo tranquilizantes, sedativos, anfetaminas, anabolizantes e opiáceos.

Por fim, Moraes et al. (2018) ressaltaram que 52% dos estudantes na faixa etária de 17 a 26 anos relataram o uso de ansiolíticos, antidepressivos e psicoestimulantes. Esse panorama evidencia a complexidade do uso de substâncias psicoativas entre estudantes, refletindo tanto a busca por alívio em meio a pressões acadêmicas quanto o risco de dependência e prejuízos à saúde mental.

Segundo a pesquisa, o uso de medicamentos psicotrópicos demonstrou ser comum entre os estudantes dos cursos da área da saúde. Em concordância com o estudo, foi observado que os alunos de Enfermagem (21,52%) e Psicologia (17,49%) foram os que fizeram maior consumo dessas drogas, enquanto os discentes de Fisioterapia apresentaram o menor índice de consumo dessas substâncias (5,56%).

Em conformidade com o artigo “Automedicação em acadêmicos de Medicina” , foi observado que a constante

automedicação entre os estudantes do curso de medicina do primeiro/ segundo ano e do terceiro/quarto anos foram, respectivamente, 44,57% e 71,42%. E desses estudantes que realizavam o uso de psicotrópicos, 36,3% indicavam o medicamento em uso para outros acadêmicos. Além disso, dos mesmos relataram fazer uso desses medicamentos, 51% revelaram que continuariam com essa prática. Ademais, eles salientaram possuir conhecimento dos riscos relacionados à saúde que envolvem essa prática, e ainda assim não demonstraram preocupação com as consequências, tais como aumento da depressão, ansiedade e dependência.

Desse modo pode se perceber que a automedicação é uma prática prevalente entre os universitários dos artigos analisados, especialmente os do curso de medicina, que fazem a automedicação como uma tentativa de amenizar a sobrecarga ao sistema público de saúde, todavia se mostra incoerente, já que dentre os participantes deste estudo, a maioria dos estudantes fazem o uso do sistema privado de saúde.

Durante a averiguação das publicações adotadas para a realização desta revisão, pode-se perceber que, em uma análise geral dos artigos, as principais consequências pelo uso de substâncias psicotrópicas são: maior tolerância a essas substâncias, que acomete a utilização de doses gradativamente maiores; dependência física e psíquica; perda de memória; redução da força muscular e do vigor sexual; aumento da depressão e da ansiedade; irritabilidade; dores de cabeça; mudanças de humor e alterações do apetite. Com isso, uma vez que usuário se torna dependente, a interrupção deve ocorrer de maneira lenta, sendo necessário apoio psicológico e psiquiátrico.

Conclusão

Percebe-se a partir do presente estudo, que a automedicação é uma prática prevalente entre os universitários dos artigos analisados, especialmente os dos cursos de medicina. Dentre os psicotrópicos mais utilizados de acordo com os artigos analisados, temos: tranquilizantes, antidepressivos, ansiolíticos, psicoestimulantes, hipnóticos e alucinógenos. Os principais efeitos adversos relatados foram: aumento da ansiedade e depressão, irritabilidade, labilidade do humor, diminuição do apetite, dor de cabeça, dependência e esses efeitos estavam presentes e demonstrando-se mais prevalentes em acadêmicos no início da graduação e no final, no nono ao décimo período.
Por meio deste estudo, pode-se concluir que o uso de psicotrópicos por estudantes do ensino superior é grande problema social, devido suas consequências à saúde dos usuários, e a influência deles para a utilização dessas substâncias por outros acadêmicos é uma problemática a ser analisada.
De modo geral, as informações das pesquisas, revelaram um alto índice de consumo de drogas entre estudantes universitários, condição que revela o sofrimento psíquico dos usuários e reflete uma subversão de papéis, em que os futuros profissionais promotores da saúde fazem uso exacerbado de psicotrópicos.
Com base nos dados obtidos nas pesquisas, pode-se afirmar que o objetivo principal da revisão foi alcançado. Pois o mesmo contribui para a área de debates acerca da temática, identifica os principais medicamentos psicotrópicos que os estudantes fazem uso, bem como analisa a influência do uso recreativo ou vicioso de drogas na qualidade de vida e produtividade dos estudantes.

Referências

ARRAES, L. T. et al. Uso não médico de psicotrópicos por estudantes de graduação: uma revisão integrativa. Research, Society and Development, v. 11, n. 14, p. e207111436164, 24 out. 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/36164/30263/399382#:~:text=Um%20estudo%20conduzido%20na%20Universidade,et%20al.%2C%202020>.

BATISTA, R. S. C.; DE FREITAS, T. B. C.; DO NASCIMENTO, E. G. C.; MARTINS, R. R.; DE MIRANDA, F. A. N.; JÚNIOR, J. M. P. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de medicina em uma universidade do semiárido brasileiro. Medicina (Ribeirão Preto), v. 55, n. 1, p. e–184136, 4 maio 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/184136/181620>.

CASTANHOLA, M. E., & PAPA, L. P. (2021). USO ABUSIVO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS E SUAS CONSEQUÊNCIAS. Revista Multidisciplinar Em Saúde, 2(1), 16. Disponível em:<https://doi.org/10.51161/rems/1028>.

DE MORAES, L. G. M.; BERNARDINA, L. S. D.; ANDRIATO, L. C.; DALVI, L. R.; DE SOUSA LOYOLA, Y. C. Automedicação em acadêmicos de Medicina. Revista Sociedade Brasileira de Clínica Médica, v. 16, n. 3 p. 167-170, 2018. Disponível em:<https://www.sbcm.org.br/ojs3/index.php/rsbcm/article/view/361/323>.

KANTORSKI, L. P.; BRUM, A. N.; DE MENEZES, E. S.; DA SILVA, P. D. S.; DOS SANTOS, C. G.; DE ALMEIDA, M. D. et al. Psicotrópicos: uso por estudantes universitários antes e durante a pandemia de doença por coronavírus 2019. Journal of Nursing and Health, v. 12, n. 3, 26 out. 2022. Disponível em:<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2023/03/1416804/1.pdf>.

MEINERS, M. M. M. DE A.; BARBOSA, B. A. D. S.; SANTANA, M. G. L.; GERLACK, L. F.; GALATO, D. Percepções e uso do metilfenidato entre universitários da área da Saúde em Ceilândia, DF, Brasil. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 26, p. e210619, 13 jul. 2022. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/icse/a/cngRgXSJPjjSqJPpXkVx8Bq/?lang=pt>.

MOURA, D. C. N. DE et al. Uso abusivo de psicotrópicos pela demanda da Estratégia Saúde da Família: revisão integrativa da literatura. SANARE - Revista de Políticas Públicas, v. 15, n. 2, 2016. Disponível em:<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1048>.

O que são drogas psicotrópicas? - Cebrid-Unifesp/EPM. Disponível em:<https://www2.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/folhetos/drogas_.htm>.

PUCCI, A. DE O. V.; POLLI, G. M. Histórias de vidas de universitários e uso de substâncias psicoativas. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, v. 13, p. 01-19, 28 dez. 2022. Disponível em:<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/46822/48246>.

RAMÓN-ARBUÉS, E.; GEA-CABALLERO, V.; GRANADA-LÓPEZ, J.M.; JUÁREZ-VELA, R.; PELLICER-GARCÍA, B.; ANTÓN-SOLANAS, I. The Prevalence of Depression, Anxiety and Stress And Their Associated Factors In College Students. International Journal of Environmental Research And Public Health, v. 17, n. 19, p. 7001, 2020. Disponível em:<https://www.mdpi.com/1660-4601/17/19/7001#metrics>.

SILVA, K. et al. Relação entre o estresse e o uso de substâncias psicoativas em universitários. Psicologia, Saúde & Doença, v. 22, n. 02, p. 578–589, jun. 2021. Disponível em: <http://www.scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862021000200578&lang=pt>.

SILVEIRA, G. E. L.; VIANA, L. G.; SENA, M. M.; ALENCAR, M. M. S. D. C.; SOARES, P. R. A. L.; AQUINO, P. D. S.; RIBEIRO, S. G. Sintomas de ansiedade e depressão no ambiente acadêmico: um estudo transversal. Acta Paulista de Enfermagem, v. 35, 2022. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/ape/a/VSmF96SyxP8Gkmm7Z4jRggz/?lang=pt>.

SOARES, Marcos Hirata; OLIVEIRA, Felipe Santana. La relación entre alcohol, tabaco y estrés en estudiantes de enfermería. SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas, v. 9, n. 2, p. 88-94, 2013. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-69762013000200007&script=sci_abstract&tlng=es>.

SOUSA, B. D. O. P.; SOUZA, A. L. T. D.; SOUZA, J. D.; SANTOS, S. A. D.; SANTOS, M. A. D.; PILLON, S. C. Nursing students: medication use, psychoactive substances and health conditions. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 73, n. suppl 1, 2020. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/reben/a/vy8FRdZfbR5NHzdDtTYTRPb/?lang=en>.

TAVARES, T. R.; COIMBRA, M. B. P.; DE RESENDE OLIVEIRA, C. K.; BITTENCOURT, B. F.; DE LIMA LEMOS, P.; & LISBOA, H. C. F. Avaliação do uso de psicofármacos por universitários. Revista de Ciências Médicas e Biológicas, v. 20, n. 4, p. 560–567, 2021. Disponível em:<https://periodicos.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/43820/26014>.

TOVANI, J. B. E.; SANTI, L. J.; TRINDADE, E. V. Uso de psicotrópicos por acadêmicos da área da saúde: uma análise comparativa e qualitativa. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 45, p. e175, 30 ago. 2021. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/rbem/a/HtgxzLrp7WRVkMSqSMmq4mH/?lang=en>.